

# Carta-Imagem do Isolamento – A experiência do projeto RIA 40tena

## Image of Osolation Letter – The experience of the RIA 40tena project

Dagmar de Mello e Silva

*Doutora em Educação com pós-doutorado em Filosofia da Educação, professora da Faculdade de Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Mídias e Cotidiano e Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense. Atualmente está voltada para estudos relacionados às Visualidades Contemporâneas. Email: dag.mello.silva@gmail.com*

Érika Francisco de Paulo David

*Professora da Rede Municipal de Niterói, integrante da equipe de Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias da Secretaria Municipal de Educação e Mestranda do programa de Mídia e Cotidiano – UFF. Atualmente dedicando-se ao estudo de narrativas visuais no cotidiano da escola básica. Email: erikadavid25@gmail.com*

### Resumo

*Este artigo tece considerações sobre a experiência da Ação de Extensão – Carta-Imagem do Isolamento -, uma das muitas ações desenvolvidas no Projeto RIA 40tena, composto por professores de diferentes Universidades Públicas do Brasil e da América Latina. O referido projeto teve início com o período de isolamento social imposto pela pandemia de COVID -19. Dentre as diferentes abordagens realizadas no Projeto RIA40tena, a ação Carta-Imagem do Isolamento, propôs uma estética de expressão na qual, cartas pudessem ser “escritas” por imagens, para dizer ao mundo os sentidos suscitados por este momento histórico. A referida ação recebeu 18 cartas que apresentam as experiências vividas pelos seus participantes neste contexto. O objetivo do projeto, consistiu em pensar, com e nos espaços virtuais emergentes, diferentes visualidades produzidas no contexto da pandemia.*

### Palavras-chave

*Narrativas Audiovisuais; Cibercultura; Pandemia.*

### Abstract

*This article discusses the experience of the Extension Action - Isolation Image Letter - one of the many actions developed in the RIA 40tena Project, composed by professors from different Public Universities in Brazil and Latin America. This project started with the period of social isolation imposed by the pandemic of COVID -19. Among the different approaches carried out in the RIA40tena Project, the action Isolation Image Letter, proposed an aesthetic of expression in which letters could be “written” by images, to tell the world the senses raised by this historical moment. This action received 18 letters that present the experiences lived by its participants in this context. The objective of the project was to think with and in the emerging virtual spaces different visualities produced in the context of the pandemic.*

### Keywords

*Audiovisual Narratives; Cyberculture; Pandemic.*

### Introdução

No momento atual, em que vivemos uma nova realidade instaurada pela pandemia do

Covid-19, fez-se urgente inaugurar novos modos de estar no mundo e de interagir diante do contexto de isolamento social. Modos que nos desafiaram repensar as formas de comunicar, educar e de se relacionar através dos ambientes digitais.

Neste artigo, pretendemos expor uma das experiências do curso de extensão RIA<sup>1</sup> 40tena, que nasceu do desejo de duas professoras da UNIRIO<sup>2</sup> em promover ações coletivas que pudessem unir as pessoas diante do afastamento social imposto pelas condições sanitárias que colocou o mundo sob o risco da perda massiva de vidas.

O projeto RIA 40tena, nasceu da preocupação inicial de se pensar meios da Universidade se fazer presente, acolhendo não só a comunidade acadêmica, mas também, diferentes extratos sociais, promovendo atividades (pedagógicas, tecnológicas, artísticas, ambientais, etc), sob múltiplas abordagens, em um momento que nos encontrávamos em desamparo diante de uma realidade inesperada, no qual um micro organismo colocou sob ameaça a supremacia humana sobre o planeta. Assim, a saída encontrada por nós professores e professoras, foi procurar ocupar os espaços públicos e mesmo privados, por meio das redes digitais, para falar à sociedade em geral, que a possível via para suportarmos o sofrimento psíquico, gerado pela pandemia, era juntar nossas dores e transformá-las em intensidades que produzissem efeitos capazes de gerar reinvenções de si e de novos mundos, Visualidades outras para aquilo que de terrível e inexorável estaria limitando nossos olhares para a vida.

Para Deleuze & Guatarri, (1997, p.47) o corpo se caracteriza pela potência de ser afetado. Somos afetados por forças que podem nos levar a padecer e nos tornarmos passivos diante da vida, mas também podemos ser atravessados por intensidades que nos impulsionem a agir. Reagir diante daquilo que nos paralisa. O que nos interessava com esta proposta era produzir dispositivos que acionassem estados de afecção que afirmassem uma potência mútua em que os corpos pudessem,

[...] no encadeamento das paixões tristes, organizar os bons encontros, compor suas relações com relações que combinam diretamente com a sua, unir-se com aquilo que convém [...] formar associação sensata entre os homens; [...] de maneira a ser afetado pela alegria [...] (DELEUZE, 2017, p.180)

Assim, nosso desejo buscou o encontro com o “homem livre e sensato” aquele que “identifica o esforço da razão com essa arte de organizar bons encontros, ou de formar uma totalidade nas relações que se compõem” (DELEUZE, 2017, p. 180), pois, tal qual um artista, acreditávamos que esse homem poderia vir a ser um

[...] mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 227-228)

A Ação Carta-Imagem do Isolamento teve inspirações éticas e estéticas nos princípios ora apresentados por Deleuze e Guatarri, mas também, no conceito de visualidade a partir dos estudos de “Cultura Visual” (CRARY, 2012, FOSTER, 1988, MIRZOEFF, 1990, entre outros) e no trabalho desenvolvido pelo professor Cezar Migliorin (2014) em suas aulas práticas, com estudantes na Universidade Federal Fluminense, bem como em cursos livres, ministrados para professores com pouca ou nenhuma experiência com o cinema através de exercícios de “filmes-carta”.

---

<sup>1</sup> REDE INTERINSTITUCIONAL DE AÇÕES COLETIVAS

<sup>2</sup> Prof. Dr.<sup>a</sup> Adriana Hoffmann e Prof. Dr.<sup>a</sup> Adriana Bruno

Segundo Migliorin (2014):

[...] o filme-carta, fortemente associado ao ensaio, parte do diálogo entre dimensões subjetivas e objetivas da imagem, da reflexividade intrínseca à carta, demandando uma relação direta dos cineastas com as imagens, além da liberdade de lidar com materiais heterogêneos e incorporar fluxos de imagens e consciência. (Migliorin, 2014, p.10)

Portanto, foi no intuito de estabelecer relações de proximidade com as novas tecnologias de produção de imagem (*smartphones*, câmeras digitais, etc) que idealizamos um meio estético das pessoas expressarem as diferentes maneiras pelas quais estavam vivenciando o isolamento social imposto pelas autoridades sanitárias com a finalidade de conter a disseminação do vírus Sars Cov 19. Nosso objetivo consistiu em propor o compartilhamento de narrativas audiovisuais, enviando um recado para o mundo, contando as impressões pessoais acerca do isolamento social que foi instaurado num cenário pandêmico.

Nossa intenção se aproximou dos conceitos e Experiência (*Erfahrung*) e Narrativa em Walter Benjamin (2012). Já na década de 1940 Benjamin (2012) apontava que “(...) A arte de narrar está em vias de extinção. (...) as ações da experiência estão em baixa” (pp.213-214). O filósofo alemão se ressentia do fato de que as experiências vividas estavam assumindo o lugar das experiências compartilhadas.

Neste artigo, também assumimos o empobrecimento de narrativas comuns que produziram as experiências fortes reivindicadas por Benjamin. Não somos ingênuas em relação às mídias que produzem redes sociais que, por sua vez, difundem informações, muitas vezes, dentro de limites intencionais e pré-estabelecidos de um imediatismo que tomou conta das relações temporais que em tempos idos, correlacionavam passado, presente e futuro. Nos novos tempos: “A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

Com a consolidação do capitalismo e as profundas transformações no mundo do trabalho, somados ao que poderíamos chamar de Revolução Técnico-Científica-Informacional, o fluxo dos acontecimentos se tornou muito mais acelerado do que na época em que viveu Walter Benjamin, porém suas reflexões nunca foram tão atuais. Pouco a pouco fomos perdendo a noção de comunidade para assumir uma condição cada vez mais individualista. A transmissibilidade, que Benjamin relacionava à sabedoria de um conselho que, na tradição oral, não se limitava apenas a um grupo ou pessoa, mas sim, a uma forma de transmissão que era passada de geração para geração e que foi se extinguindo diante dos atuais modos como se dão as experiências (*Erlebnis*) nas sociedades contemporâneas.

Diante desses dilemas, Gagnebin parece encontrar uma saída, ao comentar os estudos de Benjamin sobre a obra de Proust:

A experiência vivida de Proust (*Erlebnis*), particular e privada, já não tem nada a ver com a grande experiência coletiva (*Erfahrung*) que fundava a narrativa antiga. Mas o caráter desesperadamente único da *Erlebnis* transforma-se dialeticamente em uma busca universal: o aprofundamento na lembrança despoja-o de seu caráter contingente e limitado que, em um primeiro momento, tornara-o possível. (GAGNEBIN, 2012, p. 15)

Assim como aponta Gagnebin ao trazer à luz a experiência compartilhada por Proust em sua obra *La recherche du temps perdu*, buscamos em nossa ação a experiência que mesmo

sendo própria, ao ser compartilhada pode se “transformar dialéticamente em uma busca universal”. Pois, entendemos que uma vida pode ter muito a dizer a tantas outras...

Portanto, foi com a seguinte provocação: “*O que uma vida tem a dizer para tantas outras vidas?*” que convidamos, de forma aberta, a todos que quisessem integrar o projeto, por meio das redes sociais. Os participantes foram orientados a enviarem uma mídia digital, em específico, um vídeo-minuto construído com suporte, preferencialmente, de *smartphones*.

Nosso interesse esteve centrado na perspectiva de Rancière (2011) para quem a experiência sensível, a maneira de perceber e de ser afetado no mundo vem passando por mutações, transformando os regimes de imagens no mundo das artes. Defendemos com nossa proposta que a produção de imagens através das mídias contemporâneas, faz parte desse novo regime de imagens e que esse modo de expressão estética pode contribuir para o entendimento de como as pessoas vivenciam e expressam as potências e paradoxos da vida.

São as condições materiais - dos lugares da performance e de exposição, das formas de circulação e de reprodução-, mas também os modos de percepção e os regimes da emoção, das categorias que lhes identificam, dos esquemas de pensamento que lhes classificam e lhes interpretam. Essas condições tornam possível que palavras, formas, movimentos, ritmos, sejam sentidas e percebidas como da arte. (RANCIÈRE, 2011, p. 10).

Nessa perspectiva, o narrador participaria da vida do ouvinte transmitindo experiências através de uma distância temporal/espacial; virtual. O narrador, aqui, longe de dar explicações sobre os acontecimentos, adentraria em problemáticas sociais comuns àqueles com os quais estariam se comunicando. Trata-se de uma partilha do sensível, uma dimensão política que reconfiguraria a distribuição do sensível que determina o que é comum a uma comunidade.

Caminhando com Rancière (2012) apostamos na ideia de um espectador emancipado. Espectador que mergulha na obra e tenta decifrá-la com um esforço intelectual. A proposta de Rancière é a de um espectador que não se deixa seduzir com as imagens, mas que participe, ativamente, da proposta apresentada.

Sob esses princípios teóricos, a ação Carta-Imagem do Isolamento recebeu 18 cartas que foram socializadas nas redes sociais, *Facebook*<sup>3</sup> e *Instagram*<sup>4</sup> da rede RIA 40tena, e na conta do *Youtube*<sup>5</sup> da ação. A referida atividade aconteceu entre os dias: 20 de abril à 28 de julho.

Diante deste cenário procuramos observar: Como as pessoas se expressariam por meio de narrativas audiovisuais neste período de pandemia? Que histórias seriam contadas? O que as pessoas teriam a dizer por meio de imagens?

## Metodologia

Para nossa abordagem metodológica, escolhemos a cartografia como método de pesquisa que, como a própria palavra sugere, uma forma de cartografar que estivesse em consonância com a nossa proposta; a criação de *cartas-imagem*, registros pessoais dos processos que envolvem afectos (a presença de corpos afetantes) e perceptos (sensações) do momento que estávamos vivendo e que ao serem compartilhados tivessem a força de

<sup>3</sup> <https://www.facebook.com/ria.quarentena.9>

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/ria40tena/>

<sup>5</sup> [https://www.youtube.com/feed/my\\_videos](https://www.youtube.com/feed/my_videos)

promover bons encontros, pois, aquilo "que constitui a forma de um indivíduo consiste em uma união de corpos" (ESPINOSA, 2009, p. 64). Corpos que ao afetarem outros corpos, por eles também são afetados, produzindo aumento ou diminuição da potência, muito embora, fosse a potência que esperávamos produzir; **“uma capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos**, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência [...] (FUGANTI, 2005, p. 5, grifos do autor). Motivos que justificam nossa opção pela cartografia.

Passos, Kastrup e Escóssia (2020) destacam o papel da atenção no trabalho do cartógrafo, nessa abordagem metodológica. Pois, cabe ao cartógrafo a desafiante tarefa de compor um plano comum entre distintas experiências que transitam por diferentes linhas de percursos, linhas flexíveis e de fuga que possam indicar potenciais transformações em uma **dada realidade**. O mapa a ser traçado deve indicar, muito mais os movimentos e possibilidades de transformação do que o que já está **geograficamente demarcado como lugar comum e apropriado**. Nesse sentido, cartografar “cartas-imagens” se constituiu na tarefa de **apresentar** movimentações micropolíticas, acompanhar processos de ações minoritárias, que ao se tecerem nas redes midiáticas de nosso projeto, não se reduzissem a dar respostas para um suposto “novo normal”, mas operassem afecções para gerar perceptos de possibilidades inventivas de lidar com um tempo tão árido e inóspito. Nosso desejo era intervir de modo a produzir processos outros de subjetivação que se opusessem a uma necropolítica que se evidenciava em enunciações discursivas naturalizadas pelo Estado, pois entendíamos que: “a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político.” (FOUCAULT, 2010, p. 202).

Nesse contexto, foi possível perceber a multiplicidade de caminhos que envolveram as construções midiáticas apresentadas pelas cartas, o que torna as mídias, meios de expressões permeadas por poesia, arte, afetos e memórias, que nos levaram, junto com os autores, a habitar diferentes visualidades de um mundo marcado por uma pandemia que nos enclausurou fisicamente, mas não nos destituiu da condição imanente ao humano de criar saídas através de nossos imaginários.

Múltiplos foram os olhares, modos de dizer e se dizer, o que se vivenciava como universalmente imposto por um vírus. Essas diferentes visualidades nos conduziram ao entendimento de que mesmo aquele que observa<sup>6</sup>, está longe de ser um sujeito neutro, trata-se de um sujeito corporificado e produtor ativo de sua experiência óptica.

Foi a partir desses remetentes que nos “escreveram” apresentando seus diferentes olhares e modos de fazer, nos diferentes pontos de vistas de um lugar comum de observação, que encontramos no método cartográfico uma abertura para apresentar visualidades que não se encarceram na linearidade e na rigidez de uma hermenêutica jurídica, posto que a cartografia está mais próxima da “construção de um mapa nunca acabado do objeto de estudo” (ROSÁRIO, 2008, p.207 *apud* ROSÁRIO e COCA, 2018, p.35), desenho em permanente traçado, atento as questões referentes aos processos de subjetivação que se constituem pelo olhar e pelas experiências daqueles que fazem parte do processo. Sendo assim, nos reconhecemos como parte deste processo já que tínhamos como plano comum o isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19. Diante desta perspectiva, assistir/ler imagens de uma carta-imagem que foi enviada para o mundo, para nós, foi também, como ler a carta de um amigo querido, um recado afetuoso e pessoal, gestos do cotidiano que foram gestados para expressar a experiência do isolamento.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) apontam a cartografia como abordagem

---

<sup>6</sup> Observar significa “conformar as próprias ações, obedecer à” (CRARY, 2012: 15). O observador, para Crary, não é somente aquele que vê, mas fundamentalmente, aquele que vê dentro de um sistema de regras e convenções.

investigativa em sua obra composta por cinco volumes, que compõem os *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, publicação que chega ao Brasil em 1995. O seu conceito tem origem inspirada pelo campo da geografia, entretanto, Deleuze e Guattari fazem uma transposição deste conceito para que se torne possível sua aplicação em outros campos do conhecimento. Seus estudos apontam como princípio fundador da cartografia o Rizoma: uma analogia do pensamento múltiplo, das diferentes conexões de ideias, característica fundante do método cartográfico. Os filósofos usam como analogia para ilustrar esta abordagem metodológica “a imagem que conhecemos dos neurônios cerebrais, que se conectam uns aos outros em intermináveis encontros e estão sempre em atividade (movimento)” (ROSÁRIO e COCA, 2018, p.38). Conexões diversas e atravessamentos que compõem o “mapa/rizoma”, figura comumente atribuída para descrever esta abordagem investigativa. As cartas que compõem a *Ação Carta-Imagem do Isolamento*, observadas pelo viés da cartografia, podem se apresentar como fragmentos, pedaços de experiências vividas por uma realidade comum, que se relacionam, se complementam e formam um grande mapa do marco temporal em que estão imersas.

Diante desta perspectiva, a pesquisa e suas evidências vão se revelando “à medida que o campo vai se constituindo aos olhos do cartógrafo” (ROSÁRIO e COCA, 2018, p.38) e, mediante este ponto de vista, o cartógrafo assume o papel de compor uma miríade de olhares que constitui “um mapa/rizoma repleto de irregularidades e conexões” (ROSÁRIO e COCA, p.38). Seu olhar se impõe apenas como mais um olhar, mais uma forma de perceber dada realidade, olhar este, que ganha contornos na relação com os outros sujeitos que compõem o processo.

## **A partilha sensível de narrativas imagéticas**

Diferentes formas de contar e de se dizer para o mundo foram construídas nesta experiência. Cartas narradas, clips musicais, filmes mudos, narrativas que esboçavam uma realidade comum e que envolviam a fantasia, o imaginário e a criação na sua execução. Diferentes formas de comunicar foram exploradas por meio destas mídias que tinham um tema de pano de fundo: A pandemia do COVID-19.

O convite foi feito: como o isolamento social estava afetando as pessoas dentro de tal contexto? Ficamos a espera e dezoito pessoas nos retornaram com suas escritas-imagens, apontando suas singularidades ao viverem essa experiência, diferentes formas de estar no mundo e de comunicar, uma realidade mediada por espaços virtuais para os diferentes dilemas postos pelas novas condições da vida cotidiana, mostrando-nos o quanto foi necessário nos reinventarmos diante de uma suspensão do tempo, tal como este era vivido até então. Nessas cartas não estão expressas apenas as invenções para vencer obstáculos e desafios, mas também, modos de fazer, usos criativos, tanto das janelas de nossas casas, como daquelas abertas pelo cyber espaço.

Foi possível observar a potência comunicacional das narrativas audiovisuais como um privilegiado encontro entre imagem e palavra, um potente exercício de pensar mediado pelas mídias digitais. O que nos leva a pensar como as diferentes formas de expressões, mostradas pela RIA, podem dar lugar a um grande espaço virtual de encontro de diferentes vozes, sob as quais o partilhamento de experiências coletivas foi a força motriz.

Quanto a nossa ação, especificamente, as narrativas compartilhadas versam sobre solidão, saudade, habitar espaços; experiências que buscam enviar um recado para o planeta, dar uma notícia, contar suas impressões sobre a experiência de isolamento social para reinventar meios para o enfrentamento de uma realidade que exigia de todos uma nova forma de estar no mundo.

## As cartas que fizeram parte do projeto

As cartas lançavam olhares múltiplos sobre a realidade, falavam, de amor, de ansiedade, de saudade, de esperança e todo esse conteúdo era compartilhado nas redes digitais *FaceBook, Instagram e YouTube*, locais virtuais que comunicam e fazem circular mensagens para o mundo.

Para que seja possível um passeio pelas mídias produzidas nesta ação vamos fazer uso do código QR<sup>7</sup> que possibilita a leitura por meio de *smartphones*, artefato utilizado pelos participantes da ação. A leitura destes códigos no decorrer do texto nos leva para o canal do *Youtube* onde todas as cartas se encontram reunidas.

A primeira carta que recebemos traz a expressão artística da dança como elemento principal desta narrativa, e nos lançamos a questão: que recorte da vida cabe em um minuto?

Figura 1- Carta imagem do Isolamento 1



Fonte: Elaborado pelos autores

A Carta-Imagem do Isolamento 2 versa sobre as diferentes formas de dizer e se dizer através de imagens. O que uma vida tem a dizer para tantas outras vidas? Nesta experiência imagética o autor traz uma mensagem de conscientização para que os mais novos deem total apoio aos mais velhos nesses tempos difíceis de isolamento social por conta da pandemia.

Figura 2 - Carta Imagem do Isolamento 2



Fonte: Elaborado pelos autores

A Carta 3 nos convida a ver o mundo pela janela, ouvir o mundo de dentro de casa, os mini-mundos de nossos quartos, salas, cozinhas e banheiros. Perceber outra palheta de cores, de sons, de movimentos corporais. Qual o ponto de vista de quem está na janela, atrás de paredes?

---

<sup>7</sup> Para realizar a leitura do código QR, basta instalar em seu smartphone um app leitor de *QR codes*, a oferta na playstore é bem vasta. Nos celulares mais atuais este recurso já vem embutido nas funcionalidades da câmera fotográfica do aparelho.

Figura 3 – Carta-Imagem do Isolamento 3



Fonte: Elaborado pelos autores

Construindo uma narrativa que brinca com a realidade do isolamento social, a Carta-Imagem do Isolamento 4 traz para a cena os muitos sentimentos que foram compartilhados durante este período:

Figura 4 – Carta-Imagem do Isolamento 4



Fonte: Elaborado pelos autores

Como sentir o calor do sol em dias nos quais a calçada está proibida? E a brisa? E o vento? Como chegam até nós? Como nos conectamos com o mundo num tempo de interdição dos espaços? Num tempo onde é perigoso o simples ato da caminhada na rua, essa é a mensagem da Carta-Imagem do Isolamento 5:

Figura 5 – Carta-Imagem do Isolamento 5



Fonte: Elaborado pelos autores

A experiência de passar dias em casa ressignificando o tempo e os prazeres da vida cotidiana são tema da Carta-Imagem do Isolamento 6:

Figura 6 – Carta-Imagem do Isolamento



Fonte: Elaborado pelos autores



A Carta 7, por exemplo, traz a seguinte narrativa:

“Querido amigo, sinto a falta de você... de te cumprimentar com abraços e beijos laterais, dividir a mesa, fumar do mesmo tabaco e beber no mesmo gargalo. Saudade de te contar um segredo bem pertinho, minha boca com tua orelha e rir... durante horas... despejando saliva no seu rosto. Ontem isto não era nada! E hoje me apavora! Parece que a vida é assim... irei te ligar pelo telefone e sua voz metálica através da linha não me bastará, por que eu sei que a falta estará na ponta de seus dedos e neste seu estilo... enfim. o recado é este! Guarde aquelas cervejas para quando tudo isso passar...” (Fonseca. 2020)

Figura 7 – Carta-Imagem do Isolamento 7



Fonte: Elaborado pelos autores

Na Carta-Imagem do Isolamento 8, recado para o mundo é um recado de Amor:

Figura 8 – Carta-Imagem do Isolamento



Fonte: Elaborado pelos autores

Com o título: "Hoje Presente", esta narrativa imagética questiona como, nesse momento, podemos estar vivendo mais efetivamente o presente? Como prestar mais atenção aos detalhes? Como sentir mais? Como perceber a vida de uma outra forma? Carta-Imagem do Isolamento 9:

Figura 9 – Carta-Imagem do Isolamento 9



Fonte: Elaborado pelos autores

A carta 10 se apresenta repleta de memórias de encontros presenciais e da falta desses para a projeção de sonhos pra um futuro que se apresenta de forma tão incerta, e finaliza

dizendo: “Se alguém souber da cura pra falta de sonho, por favor, me envia um e-mail. Beijos suspensos no ar.” (Coutinho, 2020)

Figura 10 – Carta-Imagem do Isolamento 10



Fonte: Elaborado pelos autores

A carta 11 traz em sua narrativa a dificuldade de se desprender do tempo cronológico. Como habitar esta nova temporalidade que se resume ao espaço íntimo da casa?

Figura 11 – Carta-Imagem do Isolamento 11



Fonte: Elaborado pelos autores

A experiência do isolamento pode ser uma experiência de autoconhecimento, de reflexão e de aproximação, e também de experimentação de novas mediações para produção midiática na web. Esta carta, por exemplo, traz uma experiência com o app TikTok<sup>8</sup>.

Figura 12 – Carta-Imagem do Isolamento 12



Fonte: Elaborado pelos autores

No contexto do distanciamento social A CASA se configurou como o grande reduto de vivências e reflexões. Passado mais de 100 dias do início da quarentena, que vivências são essas? Que reflexões nos movem? Nesta Carta-Imagem do Isolamento, o autor compartilha o seu olhar focado e direcionado para a ressignificação deste tempo/lugar, onde hoje pode caber o mundo inteiro.

---

<sup>8</sup> Aplicativo para celular desenvolvido para criar e compartilhar vídeos curtos na web.

Figura 13 – Carta-Imagem do Isolamento 13



Fonte: Elaborado pelos autores

As novas formas de observação do mundo e a forma de experienciar o passar dos dias, foram temas abordados. Esta carta, com marco de 100 dias após o início das medidas de isolamento social, questiona: Que enquadramento, que foco reprogramamos para o nosso cotidiano? Que novos olhares lançamos para a realidade, agora observada através de janelas, de telas?

Figura 14 – Carta-Imagem do Isolamento 14



Fonte: Elaborado pelos autores

Os espaços ocupados pelas infâncias durante a quarentena também foram tema de narrativa. Lançando o foco sobre as formas de habitar a casa destacando a potência criadora e exploradora das crianças, como podemos observar nas duas cartas a seguir:

Figura 15 – Carta-Imagem do Isolamento 15



Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 16 – Carta-Imagem do Isolamento 16



Fonte: Elaborado pelos autores

Diferentes janelas se abriram para o mundo neste momento de pandemia. A arte e o entretenimento se adaptaram aderindo a novos formatos de veiculação. As *lives* foram amplamente organizadas e difundidas para “reunir” ao mesmo tempo tantas pessoas em espaços diferentes, onde, por meio de redes sociais, milhares de indivíduos se conectavam, trocavam impressões sobre um momento compartilhado, que devido a sua forma de transmissão, mantinha todos em segurança através do distanciamento:

Figura 17 – Carta-Imagem do Isolamento 17



Fonte: Elaborado pelos autores

Foi tempo de refletir sobre quais prazeres são capazes de preencher o cotidiano durante o período de distanciamento social? Quais elementos do cotidiano foram resgatados e assumiram lugares de paixão?

Figura 18 – Carta-Imagem do Isolamento



Fonte: Elaborado pelos autores

## Para nos despedirmos...

Como podemos perceber nesse exemplo, a ação nos possibilitou apreender as intensidades de um regime estético de imagens em que os/as participantes puderam afirmar aspectos políticos no estético e estéticos no político, colocando em funcionamento, tal qual num regime da arte, discursos que mobilizaram as formas de experiência sensível em detrimento de uma estetização da vida. Talvez seja ousado dizer que essas cartas-imagem nos deram a ver perceptos de um tempo que ficará marcado na história da humanidade.

FIQUEM BEM...

## Referências

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. In.: Benjamin e a Obra de Arte: Técnica, Imagem, Percepção. Trad. Marijane Lisboa. Tadeu Capistrano (Org.). Contraponto: Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Pobreza*. In: *Obras Escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2012.

CRARY, J. *Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Coutinho, Flávia. *Carta Imagem do Isolamento 10*. Youtube, 01 de maio de 2020. Disponível em < <https://youtu.be/7YNjBjfeh3g>>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza e o Problema da Expressão*. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESPINOSA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FONSECA, Mariana. *Carta Imagem do Isolamento – 7*. YouTube, 28 de abril de 2020. Disponível em < <https://youtu.be/4lMNP4OPJ5Q>>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes., 2010.

FUGANTI, L. *A Ética como potência e a moral como servidão*. 2005. Disponível em <http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao?format=pdf>. Acesso em 30 de junho de 2015.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

MIGLIORIN, Cezar. *O ensino de cinema e a experiência do filme-carta*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.17, n.1, jan./abril. 2014.

[http://www.sementecinematografica.com.br/wp-content/uploads/2017/12/o-ensino-de-cinema-e-a-experiencia-do-filme-carta\\_CEZAR-MIGLIORIN.pdf](http://www.sementecinematografica.com.br/wp-content/uploads/2017/12/o-ensino-de-cinema-e-a-experiencia-do-filme-carta_CEZAR-MIGLIORIN.pdf)

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (Ogs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *Les Écarts du Cinéma*, Paris. Fabrique, 2011.

\_\_\_\_\_. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.